

Pai de Lílían diz ter sido enganado

Luiz Alberto Weber

Da equipe do Correio

Ela é pouco maior do que um palmo e pesa apenas 1.220 gramas. Assim mesmo resiste. Lílían é uma sobrevivente da chacina que já matou por infecção hospitalar 34 bebês em Boa Vista, Roraima.

Para ser salva da infecção, que matou também suas duas irmãs, Lorena e Letícia (a menina é a primeira de trigêmeas), Lílían foi transferida na madrugada de segunda-feira para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Santa Lúcia, em Brasília.

“Não havia esperança lá em Roraima”, disse o pai, Gladstone Leitão e Silva, que acompanhou a menina a Brasília.

As mortes ocorreram abruptamente. Na noite de sexta passada, menos de 24 horas depois do nascimento das trigêmeas, a mãe, Rosângela Reis, 32 anos, percebeu manchas roxas nas meninas. Ela avisou aos médicos, que diagnosticaram simplesmente uma cianose (ausência de oxigênio no sangue).

No sábado, os pediatras perceberam que, além da cianose, os bebês

estavam com icterícia (doença comum em recém-nascidos que deixa a pele amarela). Mesmo assim, os médicos insistiram no bom estado de saúde das trigêmeas.

“Meu marido foi ao hospital e lá os médicos garantiram que elas estavam bem”, lembra Rosângela Reis, mãe das meninas, que ficou em Boa Vista. Mas não estavam.

DUAS MORTES

Na tarde de domingo, Letícia teve febre alta e morreu. Assustado, o pai comprou um bilhete num voo da Varig para aquela mesma madrugada. Não havia tempo a perder — e já era tarde.

Às 22h, Lorena morreu. “Meu timinho de basquete acabou ali, minhas meninas morreram antes de crescer”, lamentou Gladstone, que é pai de duas outras garotas, uma de sete e outra de dois anos. “Essas mortes são consequência do descaso dos governantes com a saúde pública”, desabafou.

Rosângela sentia-se ontem uma mãe sem partes de si. “Não deu tempo nem de amamentar as meninas”, lembrou ela, que não pôde vir a Brasília porque ainda se recupera da cesariana.

DESESPERO

Desesperado com a morte de duas filhas, Gladstone, técnico de operação de central telefônica da empresa estatal de telecomunicações de Roraima, tentou contratar um avião UTI, da Unimed.

Só havia um disponível, em São Paulo, que levaria cerca de quatro horas para chegar a Roraima. “Pedi então ajuda ao governador”, conta Gladstone.

A filha sobrevivente veio no Lear Jet do governo. No avião, repetiram-se cenas de descaso. A menina veio sem oxigênio. Apenas uma máscara foi colocada próxima a seu rosto. “Os médicos que a receberam aqui se impressionaram com isso”, afirmou.

O atestado de óbito das duas garotas é quase uma farsa, tamanho o formalismo: “Morte por insuficiência respiratória”. Ontem, porém, a pediatra que atendeu Lílían no Santa Lúcia deu ao pai o diagnóstico definitivo. “O resultado do exame de cultura confirmou a infecção hospitalar”, disse Gladstone.

DEDETIZAÇÃO

O Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora do Nazaré seria o cená-

rio de uma tragédia a qualquer momento. Está coalhado de infiltrações e de mofo pela paredes. “E lá nos disseram que seria o melhor lugar para elas nascerem. Acabou sendo onde elas morreram”.

Poucos dias antes do nascimento das trigêmeas, o berçário havia sido dedetizado e os recém-nascidos foram transferidos para uma antiga enfermaria improvisada para recebê-los.

Pior ainda. As irmãs Lorena, Letícia e Lílían viraram a noite de quinta metidas numa mesma incubadora, porque havia muitos prematuros no berçário e faltou incubadoras.

Naquela noite, elas também não tiveram apoio de um respirador artificial. “Eram só cinco respiradores e estavam todos ocupados com outros bebês”, lembra o pai.

Lílían melhorou durante a semana. Passou por sessões de fototerapia (exposição à luz) e está se amamentando através de uma sonda.

“Ainda não vi a cor de seus olhos — vedados com um tapa-olho ainda por causa da icterícia”, lamenta o pai. “Eu converso, mexo com ela, mas ela ainda não ri”, diz Gladstone, que pagará a despesa do hospital usando o convênio da Telebrás.